

Produção de Textos no 2º Grau: a redação escolar

Gláucia Madureira Borges

(UFMG)

Comentário Inicial

O trabalho nasceu do susto. Ao pedir as primeiras redações do ano, numa escola pública de 2º grau, na periferia de Belo Horizonte, tive a certeza de que teria um árduo trabalho. Árduo e talvez sem sucesso, porque o problema daqueles jovens vinha de trás: anos e anos de escolas em greve, de professores sem preparação, desmotivados e de problemas sociais que todos nós já estamos cansados de saber: miséria, falta de apoio e incentivo aos estudos, falta de infra-estrutura nas escolas públicas, etc.

Sendo a minha primeira experiência no 2º grau (tinha feito o caminho inverso; comecei a trabalhar com o 3º grau, aqui na UFMG), procurei primeiramente trocar idéias com outros professores e saber o que estava sendo feito no momento com relação ao incentivo à escrita. As respostas foram as que eu já esperava: dava-se pouco valor às redações escolares, pois os professores, em sua maioria dando aula em outras escolas, para aumentar o orçamento, não tinham tempo de ler e corrigir redação por redação. Então, era preferível dar interpretação de textos ao invés de redação; além do mais, o programa de gramática da Língua Portuguesa é muito extenso, quase não sobrando tempo para a produção de textos. Então, concluí que teria que encontrar meu próprio caminho, já que estava disposta a trabalhar a escrita no 2º grau. Troquei então idéias com alguns professores e comecei a trabalhar, esperando os primeiros resultados para ver que caminhos seguir, de acordo com os problemas que fossem sinalizados através das redações escolares.

As primeiras redações recebidas apresentavam todos os problemas cabíveis em uma redação: pontuação irregular, inadequação vocabular, falta de coesão e coerência textual e em muitos casos, inadequação ao tema proposto. Minha preocupação aumentou, pois era inadmissível para mim que aqueles alunos, depois de oito anos no 1º grau e já quase saindo do 2º,

ou seja, depois de quase onze anos na escola saíssem dela quase nulos no uso da escrita.

O 3º ano, numa escola do estado, se divide entre aqueles que pretendem fazer vestibular (a princípio, 10%, talvez menos) e aqueles para os quais o 2º grau é o final da linha. Para as duas clientelas a intimidade com a escrita é primordial, pois sem ela não se é aprovado no vestibular e, caso o seja, os problemas com a escrita aparecerão mais tarde, na necessidade de se fazer uma monografia, um resumo ou um simples trabalho escolar. E para quem não vai prosseguir nos estudos, a situação ainda é pior, pois acaba ali, no 2º grau, sua maior oportunidade de aprimoramento da escrita e torna-se difícil sua aprovação em qualquer concurso ou seleção que exija uma redação, sejam eles para um cargo de secretária, policial ou um simples “office-boy”.

Descrição das etapas:

Inicialmente, dado o fato de que estava trabalhando com jovens, decidi para a sala de aula a letra de um “rock” nacional, bastante conhecido, do não menos conhecido grupo Kid Abelha. A letra intitulada “basta tanto assim”, de Leoni e Bruno Fortunato, falava de algumas características dos tempos modernos, como a falta de tempo e o conseqüente não aprofundamento em coisa alguma. Sabendo que meus alunos eram jovens trabalhadores e que sofriam destes problemas, pedi a eles que fizessem uma paródia ou paráfrase da música para que, através de seu produto, eu os conhecesse melhor e soubesse como era seu dia-a-dia. O trabalho, feito com o 3º ano, preencheu minhas expectativas, pois apesar dos erros de concordância, pontuação, etc., o texto fluiu livremente e os alunos aproveitaram para deixar ali seu desabafo, falando da correria de seu dia-a-dia.

No segundo ano, pensei em trabalhar com dois tipos de texto: a carta e o anúncio comercial, para verificar se os alunos tinham domínio sobre estes tipos de escrita. O texto usado foi uma crônica de Rubem Braga, intitulada “A Casa” e o trabalho pedido foi semelhante ao vestibular de 1992 da UFMG, ou seja, os alunos teriam que fazer um texto persuasivo (em forma de carta ou anúncio de jornal) convencendo o autor Rubem Braga a comprar uma casa diferente, porém melhor que a casa de seus sonhos, descrita por ele na crônica.

A expectativa que eu tinha era a de que, com o interlocutor cercado, delimitado, a escrita da carta se tornasse tranqüila, assim como o anúncio de venda, tão comum nos jornais que me pareceu ser algo próximo dos alunos. O resultado foi fraco: argumentos pobres, textos “preguiçosos” onde os alunos mostraram pouca intimidade com a carta e o texto comercial, sendo que na carta os alunos ficaram presos a um modelo formal. Vale a pena ressaltar ainda que, ao tentar vender uma magnífica casa, eles tropeçaram na própria realidade, no fato de que, sendo pessoas carentes, não conheciam uma casa magnífica, ou seja, não poderiam convencer ninguém a comprar uma casa que eles não conheciam nem podiam imaginar. Falha minha. Eu não podia imaginar que este trabalho esbarraria na condição social dos alunos.

Vendo esta dificuldade com a carta, tida como ameaça pelos alunos, decidi continuar insistindo para ver se eles se libertavam da carta modelar e entendessem que existem vários tipos de cartas e que estes não podem ser confundidos, pois vão depender do interlocutor. Procurei então, fazer um trabalho onde eles teriam que escrever duas cartas falando do mesmo assunto para dois interlocutores diferentes, para que assim eles vissem a necessidade de ter de mudar a estrutura da carta se o interlocutor muda. Levei então para a sala de aula o texto “Ousadia” de Fernando Sabino, que apesar de engraçado, dava duras alfinetadas no preconceito racial. Em seguida cerquei os interlocutores; descrevi física e psicologicamente cada um deles: um homem negro, jovem e líder do movimento negro do bairro onde fica a escola e conhecido dos alunos (com esses dados, tentava aproximar o interlocutor dos alunos) e uma senhora, mais velha, descendente de alemães, bastante preconceituosa e mais distante, apesar de ser presidente da Associação dos Moradores do bairro. O trabalho era, como eu disse, escrever a essas duas pessoas diferentes contando o ocorrido no texto “Ousadia”, como se o fato tivesse acontecido com um amigo ou com o próprio aluno e pedindo providências a essas pessoas que representavam essas entidades (o movimento negro e a associação do bairro) no sentido que elas fizessem um trabalho de conscientização com a comunidade para que o preconceito racial diminua e deixe de causar situações tão embaraçosas como a do texto. O resultado, um desastre, o pior de todos: mistura de linguagem formal e informal numa mesma carta, incoerência nos argumentos, troca de personagens, erros de todas as espécies, pontuação longuíssima e agressividade extremada (incluindo

palavrões) na carta enviada à alemã, justo a que devia ser a mais formal, não?

A dificuldade dos alunos em escrever cartas foi vista por mim como uma dificuldade natural em tratar com interlocutores desconhecidos e imaginados, não pelo aluno, mas pelo professor. Também a dificuldade de ter um modelo de carta aprendido na escola e confundido com a carta comercial do qual o aluno tem medo de afastar e errar por causa do fracasso. O aluno fica limitado, e escreve não o que quer, mas o que imagina que o professor quer ler.

Continuei então procurando caminhos, ou melhor, atalhos para ver em qual registro da escrita os alunos se sentiriam mais à vontade, menos tensos. Peguei outro texto de Fernando Sabino intitulado “O que é ser mineiro?” no qual ele descreve, com humor e muita observação, o mineiro típico. Após a leitura do mesmo, pedi aos alunos que, como Fernando Sabino, nos descrevesse com humor, o que é ser alguma coisa (qualquer coisa).

– Qualquer coisa? me perguntaram.

Sim, e foi aí que veio a vingança: “já que eu posso falar de qualquer coisa, vai aí algo que eu nunca pude escrever em minhas redações escolares!”. Os títulos que mais se repetiram foram, com algumas variações: “O que é ser pobre”, “o que é ser trabalhador no Brasil”, “o que é ser gigolô”, “o que é ser pixador”, “o que é ser desempregado” e “o que é ser cristão”, notando-se aí, mais uma vez a necessidade que eles têm de falar, de serem ouvidos, de mostrarem aos outros sua condição de vida, suas dificuldades, seus sofrimentos. Este trabalho não acrescentou maiores problemas e cada redação vinha com seu linguajar próprio: gírias, linguagem bíblica, etc.

Já quase sem fôlego, após inúmeras tentativas e após andar por caminhos já trilhados por outros professores, decidi seguir minha intuição de leitora e me colocar no lugar dos alunos fazendo algo que eu, como aluna, gostaria de fazer em uma aula de produção de textos. Sem apostar muito no resultado, utilizei dois textos do escritor argentino Julio Cortázar, do livro “Histórias de Cronópios e Famas”. Os textos foram: “Fama e Eucalipto” e “Flor e Cronópio”, dois minicontos fantásticos nos quais aparecem dois seres (Fama e Cronópio), que, apesar de não serem descritos por Cortázar, apresentam características psicológicas semelhantes às dos seres humanos, como sensibilidade, egoísmo, etc.

O trabalho foi descrever física e psicologicamente, os dois personagens, de acordo com a imaginação de cada um, e logo em seguida, criar uma história na qual os dois personagens, tão diferentes um do outro, tivessem um encontro inesperado na floresta. O resultado, muito feliz, foi diversificado: os alunos soltaram a imaginação, e houve Cronópios e Famas de todas as formas: desde semelhantes a centauros a simples abelhinhas. A linguagem usada foi a mesma dos contos de fadas, iniciando-se invariavelmente com um “Era uma vez...”, resgate, talvez das inesquecíveis histórias ouvidas na infância. Nestes textos os erros, tão comuns nas redações, foram praticamente nulos e descobri narradores de férteis imaginações. E concluí que, como contadores de histórias que todos nós somos, a narrativa torna-se para o aluno algo leve, que liberta a capacidade de criação e busca o que anda tão sumido entre nós: a comunicação, a fantasia, a fluidez da oralidade colocada no papel através da memória da infância. A narrativa vem como forma de resgate do lúdico, de boas lembranças, de retorno ao imaginário. E já que o imaginário e o fantástico são ilimitados e inesperados, a liberdade de escrever é maior, e o resultado, melhor.

Conclusão

Finalizando eu queria dizer que este trabalho é ainda inacabado, e nem sei se deixa de ser, posto que as dificuldades do professor vão surgindo de acordo com a escola, com a clientela, e diversos outros fatores, e lecionar passa a ser, então, um eterno experimento, sem fim. E penso que cada professor deve encontrar seu próprio caminho, onde estiver, de acordo com a necessidade de seus alunos, necessidades estas mais fáceis de serem detectadas, pois eles pedem, gritam, e só não ouve quem não quer.

E aqui então algumas perguntas ficam:

- Por que os alunos chegam no 2º grau sem o domínio completo da escrita?
- O que a escola tem feito pela escrita no 1º e no 2º grau, o que ela pode e o que ela deveria fazer?
- Enfim onde esteve a escola esse tempo todo?